

**( x ) Graduação ( ) Pós-Graduação**  
**MULHERES NO AGRONEGÓCIO: caracterização e análise no Oeste Paulista**

**Rafaela Brambilla Lopes**  
Business School Unoeste  
rafaelabrambilla@outlook.com

**Tamires Alencar Oliveira**  
Business School Unoeste  
tamiresalencar1207@gmail.com

**Lechan Colares-Santos**  
Business School Unoeste  
lechan@unoeste.br

**Gustavo Yuho Endo**  
Business School Unoeste  
gustavo@unoeste.br

**Alana Roberta Assugeni Colares**  
Universidade Estadual de Maringá  
alanaassugeni@gmail.com

**RESUMO**

Este trabalho teve como objetivo caracterizar e analisar o trabalho feminino no campo. Para tanto, empregou-se uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo. A coleta de dados se deu por meio de entrevista semiestruturada, aplicada junto a seis mulheres residentes na região de Presidente Prudente e que exercem atividades na área rural. A análise de dados se deu por meio da técnica de análise de conteúdo. Os resultados demonstram forte importância do capital social como forma de mitigação de preconceitos e discriminação no campo. No entanto, a maioria das mulheres relataram ter sofrido alguma forma de preconceito. Quanto a remuneração, consideram que recebem na mesma proporção e trabalham da mesma forma que o gênero masculino, o que diverge da literatura. Observou-se evolução no que tange a equidade de gênero, no entanto, ainda há muito em que se evoluir.

**Palavras-chave:** Mulheres; Feminismo; Agronegócios; Trabalho feminino.

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Kergoat (2000), homens e mulheres são tratados como produtos de um destino biológico, porém, são construções sociais que não podem ser considerados uma coleção ou várias coleções de pessoas naturalmente distintas. Tais perfazem dois grupos que estão envolvidos em uma sociedade, no qual formam relações sociais, como o trabalho, fragmentando-se com a divisão social entre os sexos no trabalho (KERGOAT, 2000).

Na atualidade, nota-se algumas transformações no cenário, as mulheres desempenham atividades que vão muito além de seus afazeres domésticos, passando a exercerem interações em diversas áreas, ingressando no mercado de trabalho (DUARTE; PEREIRA, 2018). Na produção rural brasileira é pouco evidenciada a contribuição da força feminina no campo. Tal fator implica na importância em abordar o papel da mulher no agronegócio. Reputa-se inúmeros fatores interligados que instigam a presença ou ausência das mulheres na área, de modo que proponham incentivos à sua participação e permanência (SPANVELLO; DOEGE; DREBES; LAGO, 2019).

No âmbito das mulheres, sua inserção no agronegócio vai muito além do êxito salarial, existem outras dificuldades em um ambiente majoritário pelo sexo masculino, enfatizando quando a reputação do setor agropecuário foi historicamente atribuída ao homem (SILVA; REDIN, 2020). Para Bourdieu (2002), a soberania masculina é um poder simbólico edificado pela sociedade e exprimida historicamente por meio da cultura de cada indivíduo.

Economicamente e socialmente, as mulheres representam uma parte considerável da população. Atuando como proprietárias ou trabalhadoras rurais e assegurando a alimentação das famílias (COTULA, 2007). Com as transformações globais, o gênero masculino alocou-se para a área urbana, evidenciando as mulheres no campo (COTULA, 2007).

A mão de obra feminina na agricultura representa um papel importante no fornecimento dos alimentos para as famílias, inclusive nas situações em que é a principal fonte de renda (NACIONES UNIDAS, 2007). Como determinado na Constituição Federal brasileira, defende os direitos das mulheres, garantindo a elas proteção. Entretanto, no meio rural não é praticado conforme as leis (BITTAR, 2009).

Para Camargo (2018), com a evolução na área rural, muitas mulheres conquistaram cargos e responsabilidades. No entanto, o sexo masculino ocupa a maior parte do espaço, persistindo com a intolerância ao gênero feminino (CAMARGO, 2018). De fato, o maior desafio é transformar este cenário, em razão da falta de apoio governamental e social a favor das mulheres no campo (CAMARGO, 2018).

Conforme pesquisas realizadas, entende-se que existe um déficit nos estudos que envolvem liderança feminina (SILVA; PASCHOALOTTO; ENDO, 2020). Segundo Santos e Soares (2022), diante dos estudos realizados na cidade de Presidente Prudente/SP, foram entrevistadas seis mulheres que atuam em cargos de lideranças. A análise detectou que algumas dessas mulheres vivenciaram situações de preconceitos e discriminações nesta área (SANTOS; SOARES, 2022). Conclui-se que existem diversos estereótipos de gêneros, impedindo de enaltecer o posicionamento da mulher como líder no mercado (ISHIZAEA; BORRO, 2020).

Este estudo aborda a influência do gênero feminino no meio rural, destacando sua força e contribuição na produção agrícola e pecuária. A pesquisa reflete a importância em compreender a igualdade entre homens e mulheres no campo, deixando de preservar a divisão social do espaço.

Diante do exposto, questiona-se, qual a característica do trabalho feminino na produção rural. O presente trabalho apresenta o objetivo de caracterizar e analisar a força de trabalho feminino na produção rural. Já os objetivos específicos são: pesquisa exploratória; construção do instrumento de coleta de dados; avaliação do instrumento de coleta de dados por especialistas; pesquisa empírica; tratamento e análise de dados e produção do artigo científico.

## **2 REVISÃO DA LITERATURA**

### **2.1 Capital Social**

Capital social, é um termo que está constantemente sendo usado nas pesquisas das ciências sociais. Seu foco é de uma sociedade marcada por redes de confiança, condutas e sistemas capazes de contribuir em uma corporação com o objetivo de viabilizar o desenvolvimento social (BREDA; COLARES-SANTOS; PEREIRA, 2022).

O capital social concerne na união entre as pessoas. Segundo Fernandes (2001), é o grupamento de laços e condutas de confiança e reciprocidade existentes em uma comunidade que simplifica a construção de capital físico e humano. Ou seja, em uma comunidade em que os indivíduos se mantêm isolados, não prevalece o chamado capital social (FERNANDES, 2001).

### **2.2 Agricultura familiar**

A agricultura familiar é um conceito usado para descrever os constituintes da produção rural, compostos no trabalho familiar, que se identificam pela conexão entre família, campo e trabalho (MESQUITA; MENDES, 2012). Essa forma de produção teve aparição vinculado ao contexto do regime colonial (MESQUITA; MENDES, 2012).

Dentre os aspectos relevantes, a família como princípio estratégico do meio rural é incumbida pelo desenvolvimento do campo: mão de obra qualificada, operários sem

qualificação, trabalhadores temporários e migrantes (DELGADO; BERGAMASCO, 2017).

Sabendo o valor da família na agricultura, esbarra-se com as dificuldades em enfrentar desafios como a insuficiência de terra, ausência de assistência técnica e impossibilidade da aquisição de recursos financeiros, limitando o crescimento do campo entre famílias (SOUZA et al., 2011). Nesses esforços produtivos, vale destacar a força das mulheres rurais pela edificação de espaço e autonomia (DELGADO; BERGAMASCO, 2017).

No decorrer das atividades do dia a dia, as mulheres desempenham tanto trabalhos mais leves como trabalhos que exigem um pouco mais de esforços, desde serviços domésticos até a colheita na lavoura (BRUMER, 2004), consequência do machismo estrutural. Para Santos (2016), a sociedade coloca o homem como responsável em realização das tarefas pesadas e que são consideradas as mais importantes para o cotidiano das pessoas e que esteja fora do ambiente doméstico. Já as mulheres ficam restritas as atividades do lar, um ambiente restrito e seu papel é apenas no sistema reprodutivo e espiritual (SANTOS, 2016).

### **2.3 Divisão social do trabalho**

O machismo estrutural é formado por situações hierárquicas que separam “homens” como peça fundamental da sociedade e “mulheres” com inferioridade (HINTZE, 2020a). Esse sistema de hierarquização geram um sentimento de poder no sexo masculino e afasta a hipótese da igualdade entre todos na sociedade (HINTZE, 2020a).

Diante de uma sociedade capitalista onde a exploração do trabalho se dá devido a produção de mercadorias, esse abuso não acontece entre homens e mulheres, observa-se, um preconceito tanto espacial, quanto sexual, no tratamento com o lado feminino (SCHWENDLER, 2020). A característica do gênero feminino difere a ocupação das mulheres nas atividades do campo. Isso ocorre devido a ascensão da concepção masculina, no qual se consideram superiores e convictos, à medida que apontam o sexo feminino como frágil (SANTOS; DIÓGENES, 2019).

Apesar de toda luta e esperança contra a discriminação com a mulher para alcançar a valorização do gênero na sociedade, ainda não é o suficiente para rematar os transtornos causados pela desigualdade e baixa remuneração no campo (ISHIZAWA; BORRO; ENDO; PASCHOALOTTO; RODRIGUES, 2020).

Diante de tantas tribulações, as mulheres precisam aceitar a inferioridade em relação ao salário, mas, considera-se uma situação indefinida em que se refere a diferença salarial (ISHIZAWA; BORRO; ENDO; PASCHOALOTTO; RODRIGUES, 2020). A falta de informações diferenciadas através do gênero, em relação as horas trabalhadas, encontram-se em falta para esses resultados (ISHIZAWA; BORRO; ENDO; PASCHOALOTTO;

RODRIGUES, 2020).

### **3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS**

O estudo foi de abordagem qualitativa a fim de compreender o comportamento das mulheres no agronegócio (MASCARENHAS, 2012a), obtendo resultados mais profundos com relação ao nosso objetivo.

Segundo Souza (2014), a pesquisa qualitativa tem o poder de ser interpretada de várias formas, suas técnicas têm o objetivo de apresentar e traduzir determinados fatos sociais, que são produzidos de formas naturais. A pesquisa foi de caráter descritiva, apresentando as características do público entrevistado através da entrevista aplicada (MASCARENHAS, 2012a). Segundo Mascarenhas (2012b), apenas observar não é o suficiente para uma conclusão científica. É importante descrever com detalhe e transparência os elementos pesquisados (ISHIZAWA et al., 2020).

Na pesquisa descritiva, fica evidente o problema, hipóteses específicas e informações caracterizadas (SILVA et al., 2012). Dentre estas investigações, a principal busca foi estudar as características das mulheres no campo, como por exemplo, idade, nível de escolaridade, nível de renda, estado civil, entre outras particularidades (SILVA et al., 2012).

A definição do instrumento de coleta dos dados foi estabelecida após a elaboração do tema e objetivos a ser pesquisado. Em seguida, definimos os respectivos públicos, para que conseguíssemos iniciar a elaboração desse processo (FERREIDA; SCHWARZBACH; FERREIRA, 2018a).

O método utilizado na pesquisa, foi análise de conteúdo que nos apoiou com os dados que foram surgindo em direção a provável resposta da questão em apuração (MENDES; MISKULIN, 2017). Para Bardin (2016) a metodologia de análise de conteúdo é um agrupamento de técnicas de pesquisa de comunicações que visa atingir, por meio de procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do assunto das mensagens, índices que concedem a indução de discernimentos relativos à posição de produção/ recepção.

A análise de conteúdo é composta por três fases primordiais, pré – análise, exploração do material e tratamento dos resultados. A primeira fase, pode ser considerada como momento de organização, em que é definido os procedimentos utilizados, mas que possuem flexibilidade para serem alterados (GODOY, 1995).

Já a segunda fase, considera-se o início do que foi planejado anteriormente, onde o pesquisador irá ler os documentos selecionados, adotando procedimentos que os separe e criem códigos para os mesmos. Para finalizar, a terceira fase, trata-se do momento em que o

pesquisador gera significados e validez aos resultados brutos, utilizando técnicas qualitativas (GODOY, 1995).

Os dados primários, pode-se conceituá-lo como, a coleta dos dados por meio de formulários, testes e entrevistas, a fim de conceder aproximação entre o entrevistador e entrevistado. Esse método se destaca, pois, não existe o dado correto, dando a oportunidade de ser feito um levantamento sob medida, com intuito de analisar de forma que atinja o objetivo da pesquisa (SOUZA; SANTOS; DIAS, 2013).

Segundo Ferreida, Schwarzbach e Ferreira (2018b), esta forma de coletar dados considera-se a mais utilizada, além de concluir a análise com maior índice de precisão, tendo em vista que as perguntas realizadas estão interligadas com os objetivos do projeto. Desde modo, finalizando a verificação dos materiais com êxito.

#### **4 DISCUSSÃO E ANÁLISE DOS DADOS**

A presente pesquisa foi executada na forma de entrevista, no qual a aplicação foi realizada com seis mulheres que fazem parte do agronegócio na região de Presidente Prudente (SP). Foram identificadas pelos números 01, 02, 03, 04, 05 e 06. O perfil das mulheres entrevistadas se diversificou conforme o tipo de cultura produzida, tempo de atuação no meio rural, idade e tamanho da propriedade. As questões empregadas contribuíram para a elaboração dos resultados, tais quais serão descritos por conteúdo.

Enfatizando o capital social, todas (01, 02, 03, 04, 05 e 06) as entrevistadas afirmaram ter bom relacionamento com os vizinhos e membros da comunidade rural. Ressaltando as entrevistadas 03 e 05 que atuam de forma recíproca, “o que eu preciso eles me ajudam e eu os ajudo”. Segundo Schneider (2009) a reciprocidade é uma forma de proximidade fundamental para o desenvolvimento e crescimento nas comunidades rurais, formando uma rede de ações sociais entre membros.

Em relação a agricultura familiar e capital social, observou-se que de modo geral as entrevistadas 01, 03, 04 e 05 declararam que as tarefas da propriedade são executadas entre família. Destacando a entrevistada 06 que relatou executar as atividades sozinha, e a entrevista 02 que possui duas propriedades sendo uma delas na cidade de Presidente Prudente (SP) e outra em Barretos (SP), além de trabalhar em família, citou ter funcionários que contribuem com as atividades do dia a dia. De fato, a mão de obra predominante é a familiar, e a renda dessas pessoas provem hegemonicamente da produção agrícola (BREDA; COLARES-SANTOS; PEREIRA, 2022).

Para as entrevistadas 01, 02, 03, 04 e 06, descreveram que atuam no meio rural desde de sua origem, outras desde criança. Diferenciando das demais entrevistadas, a participante 05 reside na área desde que se casou.

De modo geral, foram criadas no campo, hierarquicamente e continuam repassando a tradição familiar aos filhos, conforme relatado pela entrevistada 01: “Minha família toda é do sítio, nasci e me criei no meio rural, e assim está sendo meus filhos”.

Diante das respostas obtidas, ficou evidente a questão do capital social, da união entre os membros, que além de cooperarem entre família, conforme mencionou a entrevistada 05, “Trabalha eu, meu marido e meu filho mais velho, vamos uns apoiando aos outros”, também contribuem com o desenvolvimento da comunidade rural. Isso revela que tal grupo é significativo tanto no aspecto social como na questão da produtividade e crescimento (VERANO; FIGUEIREDO; MEDINA, 2020).

Com base na entrevista 03 e 05, em relação ao preconceito com as mulheres no campo atualmente, dizem que ainda existem situações preconceituosas no dia a dia, mas elas tentam mostrar-se resistentes aos indivíduos, conforme dito pela entrevistada 03: Sempre tem preconceito, mas não dou importância, faço meu trabalho sempre respeitando os outros para que eu seja respeitada.

Conforme apresentado pela entrevistada 05: O preconceito existe sim, mas me apresento forte e mostro minha capacidade. Atualmente, é possível visualizar as desigualdades de gênero na sociedade, atribuindo as mulheres momentos de desvantagens em relação aos homens, assim, proporcionando situações constrangedoras para o dia a dia do sexo feminino (CARVALHO, 2012).

Segundo Sousa e Guedes (2016), a desigualdade existente entre os homens e mulheres, vem causando modificações na sociedade visto que o sexo feminino está designando as funções masculinas no ambiente trabalhista e poderes públicos, e também os homens passam a exercer o papel das mulheres em atividades que eram executadas apenas por tais, conforme dito pela pesquisa 3: Hoje em dia está bem igualado o ganho, mas já ganhei bem menos executando as mesmas atividades que um homem. Mas, vale lembrar que, ainda com todas as mudanças, existem diversidades relacionadas a divisão do trabalho no qual proporciona ao homem, maior valor. As mulheres nunca foram valorizadas e inseridas nos seus devidos cargos, pelo contrário, sempre foram consideradas como sexo frágil (GUBERT et al., 2020).

Deve-se tornar as mulheres como ser humanos que possuem capacidade suficiente para promover mudanças e inibir as desigualdades que existem ainda em relação a mão de obra feminina (GUBERT et al., 2020). Todas essas mudanças encontram-se diante da capacidade

que as mulheres apresentam para produzir, ter sua própria renda, criar uma carreira profissional e poder para tomada de decisão dentro e fora do ambiente familiar (GUBERT et al., 2020).

## **5 CONCLUSÕES**

Com base nos estudos realizados, apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para inserção no meio rural, a mão de obra feminina representa grande importância no campo. Tais fatos representam a relevância da igualdade entre gêneros nas atividades agrícolas.

A pesquisa foi aplicada em mulheres do agronegócio na região de Presidente Prudente (SP), de acordo com os resultados, observou-se que atualmente o gênero feminino está mais valorizado nas atividades rurais quando comparado há anos.

Diante dos resultados obtidos no trabalho, vale enfatizar a importância em estudar sobre o gênero feminino no meio rural. Além do estudo aplicado na região de Presidente Prudente (SP), para expansão do tema, sugere-se introduzir a pesquisa em outras regiões e realizar a comparações dos efeitos apurados.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BITTAR, Eduardo Carlos Bianca. **Metodologia da pesquisa jurídica: teoria e prática da monografia**. 7. ed. São Paulo: Saraiva, 2009. 350 p.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda, 2002.

BREDA, Adriana Soares; COLARES-SANTOS, Lechan; PEREIRA, Jaiane Aparecida. Capital social na agricultura familiar: análise das relações entre os produtores rurais. **Revista em Agronegócio e Meio Ambiente**, [S.L.], v. 15, n. 1, p. 1-12, 21 fev. 2022. Centro Universitario de Maringa. <http://dx.doi.org/10.17765/2176-9168.2022v15n1e8281>.

BRUMER, Anita. Gênero e agricultura: a situação da mulher na agricultura do rio grande do sul. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 12, n. 1, p. 205-227, abr. 2004. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0104-026x2004000100011>.

CAMARGO, Thatianne Pinto. **OS DESAFIOS ENCONTRADOS NA INSERÇÃO DA MULHER NO AGRONEGÓCIO**. 2018. Disponível em: [http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/1055/1/2018-1\\_TCC\\_CamargoThatiannePinto.pdf](http://repositorio.aee.edu.br/bitstream/aee/1055/1/2018-1_TCC_CamargoThatiannePinto.pdf). Acesso em: 26 mar. 2022.

CARVALHO, Débora Jucely de. **O empoderamento da mulher na agricultura familiar de Carvalhópolis-MG**. 2012. 136 f. Tese (Doutorado) - Curso de Políticas Sociais, Universidade Federal Fluminense, Machado, 2012. Disponível em: <https://app.uff.br/riuff/bitstream/handle/1/7679/DeboraJucelyDeCarvalho.pdf;jsessionid=393627C7FF64BB2B935B6E738EA56846?sequence=1>. Acesso em: 08 set. 2022.

CINU, Centro de Información de Las Naciones Unidas Para Argentina y Uruguay-. **LA ONU Y LA MUJER**. 2007. Disponível em: <https://www.un.org/es/events/women/iwd/2007/compilacion.pdf>. Acesso em: 26 mar. 2022.

COTULA, Lorenzo. Género y legislación Los derechos de la mujer en la agricultura. **Roma: Fao Estudio Legislativo**, 2007. Disponível em: [https://www.fao.org/fileadmin/templates/righttofood/documents/RTF\\_publications/ES/leg\\_study\\_76\\_gender\\_es.pdf](https://www.fao.org/fileadmin/templates/righttofood/documents/RTF_publications/ES/leg_study_76_gender_es.pdf). Acesso em: 26 mar. 2022.

DELGADO, Guilherme Costa; BERGAMASCO, Sonia Maria Pessoa Pereira. **Agricultura Familiar Brasileira: Desafios e Perspectivas de Futuro**. Brasília: Secretaria Especial de

Agricultura Familiar e do Desenvolvimento Agrário, 2017.

DUARTE, Donária Coelho; PEREIRA, Ana Darc Jesus. O papel da mulher no turismo rural: um estudo no circuito rajadinha de planaltina - distrito federal. **Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo**, [S.L.], v. 12, n. 3, p. 81-103, 13 nov. 2018. ANPTUR - Associação Nacional de Pesquisa e Pós Graduação em Turismo.

<http://dx.doi.org/10.7784/rbtur.v12i3.1446>.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. O capital social e a análise institucional e de políticas públicas. In: V ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, 25., 2001, Campinas. Anais [...]. Rio de Janeiro: Rap, 2002. p. 375-398.

FERREIDA, Carlos Leopoldo; SCHWARZBACH, Loise Cristina; FERREIRA, Vando Cesar Ribeiro. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS PARA PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO. Paranaguá: Especial Enacilla, 2018a. p. 27. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3275/2153>. Acesso em: 12 maio 2022

FERREIDA, Carlos Leopoldo; SCHWARZBACH, Loise Cristina; FERREIRA, Vando Cesar Ribeiro. INSTRUMENTO PARA COLETA DE DADOS PRIMÁRIOS PARA PESQUISAS EM ADMINISTRAÇÃO. Paranaguá: Especial Enacilla, 2018b. p. 32. Disponível em: <https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/raei/article/view/3275/2153>. Acesso em: 12 maio 2022.

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: tipos fundamentais. Revista de Administração de Empresas, São Paulo, v. 35, n. 3, p. 20-29, maio 1995. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/ZX4cTGrqYfVhr7LvVyDBgdb/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 maio 2022.

GUBERT, Flavia Piccinin Paz *et al.* Empoderamento feminino na agricultura familiar. **Revista Fitos**, Cascavel, v. 14, n. 0, p. 23-20, 31 out. 2020.

HINTZE, Helio. **Desnaturalização radical do machismo estrutural - primeiras aproximações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020a.

HINTZE, Helio. **Desnaturalização radical do machismo estrutural - primeiras aproximações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2020b.

ISHIZAWA, Anne Karine de Cavalcante; BORRO, Dayhane Summer Golle; ENDO, Gustavo Yuho; PASCHOALOTTO, Marco Antonio Catussi; RODRIGUES, Valdecir Cahoni. HORIZONTE LIDERANÇA FEMININA NAS ORGANIZAÇÕES: A PERCEPÇÃO DOS DISCENTES DO CURSO DE ADMINISTRAÇÃO. Revista Inteligência Competitiva, v. 10, n. 3, p. 1-17, jul. 2020.

KÈRGOAT, Daniele. Divisão Sexual do Trabalho e Relações Sociais do Sexo. 2000.

Disponível em:

[https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho\\_0.pdf](https://poligen.polignu.org/sites/poligen.polignu.org/files/adivisaosexualdotrabalho_0.pdf).

Acesso em: 26 mar. 2022.

MASCARENHAS, Sidnei Augusto. Metodologia Científica. São Paulo: Pearson Education do Brasil, 2012a.

MASCARENHAS, S. A. Metodologia Científica. 2. ed. São Paulo: Pearson Education Brasil, 2012b.

MENDES, Rosana Maria; MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. A análise de conteúdo como uma metodologia. Cadernos de Pesquisa, [S.L.], v. 47, n. 165, p. 1044-1066, set. 2017. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/198053143988>.

MESQUITA, Livia Aparecida Pires de; MENDES, Estevane de Paula Pontes. MULHERES NA AGRICULTURA FAMILIAR: A COMUNIDADE RANCHARIA, CAMPO ALEGRE DE GOIÁS (GO). In: XXI ENCONTRO NACIONAL DE GEOGRAFIA AGRÁRIA, 11., 2012, Uberlândia. Anais [...]. Uberlândia: UFU, 2012. p. 20-20.

SANTOS, Isis dos; SOARES, Taynara Tais dos Santos. ANÁLISE DOS DESAFIOS ENFRENTADOS POR MULHERES QUE OCUPAM CARGOS DE LIDERANÇAS NA REGIÃO DE PRESIDENTE PRUDENTE/SP. Administração de Empresas em Revistas, Presidente Prudente, v. 2, n. 28, p. 239-264, mar. 2022. <http://revista.unicuritiba.edu.br/index.php/admrevista/article/view/5589> Acesso em: 30 abr. 2022.

SANTOS, Nicole del Bianco; DIÓGENES, Carla. LIDERANÇA FEMININA: UM ESTUDO PRAGMÁTICO DAS DIFICULDADES DE MULHERES EM CARGOS DE LIDERANÇA. Revista Uniaraguaia, Goiânia, v. 14, n. 2, p. 91-102, maio 2019.

SANTOS, Nilma Angélica dos. A DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA AGRICULTURA FAMILIAR: entre a invisibilidade e a desvalorização do trabalho (re)produtivo de mulheres trabalhadoras rurais do município de Brejo/MA frente à expansão da monocultura de soja. **Revista de Políticas Públicas**, Brejo, p. 331-337, jun. 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/journal/3211/321153853033/html/>. Acesso em: 21 ago. 2022.

SCHNEIDER, Sérgio. A Diversidade da Agricultura Familiar. 2. ed. Porto Alegre: Ufrgs, 2009.

SCHWENDLER, Sônia Fátima. A divisão sexual do trabalho no campo sob a perspectiva da

juventude camponesa. **Revista Estudos Feministas**, Florianopolis, v. 28, n. 1, p. 1-14, 2020.

SILVA, Lisiane Vasconcellos da et al. Metodologia de pesquisa em Administração [uma abordagem prática]. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2012.

SILVA, Brenda Ribeiro da; REDIN, Ezequiel. LUGAR DE MULHER É ONDE ELA QUISER: os desafios das mulheres no mercado de trabalho dos agronegócios. *Revista Estudo & Debate*, [S.L.], v. 27, n. 3, p. 1-23, 29 set. 2020. Editora Univates.  
<http://dx.doi.org/10.22410/issn.1983-036x.v27i3a2020.2531>.

SILVA, Juliana Franchi da. A mulher como força de trabalho na modernização da agricultura no Brasil. 2011. 50 f. Monografia (Especialização) - Curso de Especialização em História do Brasil, Universidade Federal de Santa Maria Centro de Ciências Sociais e Humanas, Santa Maria, 2011. Disponível em: [file:///C:/Users/User/Downloads/Silva\\_Juliana\\_Franchi\\_da.pdf](file:///C:/Users/User/Downloads/Silva_Juliana_Franchi_da.pdf). Acesso em: 26 mar. 2022.

SILVA, Caio Pedrinho da; PASCHOALOTTO, Marco Antonio Catussi; ENDO, Gustavo Yuho. Liderança organizacional: uma revisão integrativa brasileira. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 146-159, 31 mar. 2020. Departamento de Empreendedorismo e Gestão da UFF.  
<http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v14i1.36370>.

SOUZA, Eloisio Moulin de (org.). Metodologias e analíticas qualitativas em pesquisa organizacional: uma abordagem teórica - conceitual. Vitória: Edufes, 2014. 241 p. Disponível em:  
<https://repositorio.ufes.br/bitstream/10/939/1/livro%20edufes%20Metodologias%20e%20anal%C3%ADticas%20qualitativas%20em%20pesquisa%20organizacional.pdf>. Acesso em: 26 maio 2022.

SOUZA, Girlene Santos de; SANTOS, Anacleto Ranulfo dos; DIAS, Viviane Borges. Metodologia da Pesquisa Científica: a construção do conhecimento e do pensamento científico no processo de aprendizado. Porto Alegre: Editora Animal, 2013. 163 p. Disponível em:  
[https://www.google.com.br/books/edition/Metodologia\\_da\\_pesquisa\\_cient%C3%ADfica\\_a\\_co/fba8AQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1](https://www.google.com.br/books/edition/Metodologia_da_pesquisa_cient%C3%ADfica_a_co/fba8AQAAQBAJ?hl=pt-BR&gbpv=1). Acesso em: 12 maio 2022.

SOUZA, Luana Passos de; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, [S.L.], v. 30, n. 87, p. 123-139, ago. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-40142016.30870008>.

SOUZA, Paulo Marcelo de et al. Agricultura Familiar Versus Agricultura NãoFamiliar: uma Análise das Diferenças nos Financiamentos Concedidos no Período de 1999 a 2009. *Documentos Técnico-Científicos*, v. 42, n. 01, p. 106-124, jan. 2011.

SPANEVERELLO, Rosani Marisa; DOEGE, Ana Maria Nunes; DREBES, Laila Mayara; LAGO, Adriano. Mulheres Rurais e Atividades Não Agrícolas no Âmbito da Agricultura Familiar. Desenvolvimento em Questão, [S.L.], v. 17, n. 48, p. 250-265, 27 ago. 2019. Editora Unijui. <http://dx.doi.org/10.21527/2237-6453.2019.48.250-265>.

SILVA, Caio Pedrinho da; PASCHOALOTTO, Marco Antonio Catussi; ENDO, Gustavo Yuho. Liderança organizacional: uma revisão integrativa brasileira. Revista Pensamento Contemporâneo em Administração, [S.L.], v. 14, n. 1, p. 146-159, 31 mar. 2020. Departamento de Empreendedorismo e Gestão da UFF. <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v14i1.36370>.

VERANO, Thiago de Carvalho; FIGUEIREDO, Reginaldo Santana; MEDINA, Gabriel da Silva. Agricultores familiares em canais curtos de comercialização: uma análise quantitativa das feiras municipais. Revista de Economia e Sociologia Rural, Brasília, v. 59, n. 3, p. 1-17, out. 2020.